

## **Demandas por diversidade como parâmetro para a crítica da/na mídia**

### ***Demands for diversity as a criteria for media critique and/or critiques in media***

*Maressa de Carvalho Basso<sup>1</sup>, Natalia Engler Prudencio<sup>2</sup>*

---

1 Docente no curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas Poços de Caldas, mestre em Imagem e Som pela UFSCar, doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP, integrante do MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas. E-mail: maressa.basso@gmail.com.

2 Jornalista formada pela ECA-USP, mestre em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP, integrante do MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas. E-mail: nataliapr@gmail.com.

**Resumo**

A aceleração dos processos de midiaticização tem tornado mais urgente a questão sobre como fazer a crítica da/na mídia diante de novos modos de circulação e apropriação. Em meio a esse cenário, cada vez mais a crítica da/na mídia tem orbitado os debates sobre o reconhecimento de identidades e diferenças de grupos ditos minoritários. O presente ensaio propõe reflexões sobre como tal crítica pode ser feita, tendo como parâmetro essas demandas. Para isso, contextualiza-se esses novos modos de circulação e apropriação da mídia e busca-se investigar de que forma reconhecimento e identidade ganham importância para a crítica da/na mídia, trazendo como *corpus* de análise um ator social e as suas explanações midiáticas. Ao final do percurso, sugerimos possibilidades metodológicas que estejam alinhadas adequadamente a essas (não tão) novas demandas sociais.

**Palavras-chave** Crítica da mídia, identidade, diversidade, reconhecimento.

**Abstract**

The question of how to develop media critique and/or critiques in media in a scenario of new modes of circulation and appropriation has been made more urgent due to the acceleration of processes of mediatization. In this context, media critique and/or critiques in media have increasingly revolved around debates on the recognition of so-called minorities' identities and differences. This study reflects on how media critique and/or critiques in media can be developed with these demands as a parameter. We contextualize these new modes of circulation and appropriation of the media and seek to investigate how recognition and identity gain importance for media critique and/or critiques in media, bringing as a corpus of analysis a social actor and his media explanations. At the end of our journey, we suggest methodological possibilities that may properly align with these (not so) new social demands.

**Keywords** Media critique, identity, diversity, recognition.

Quando pensamos o imbricamento da crítica da/na mídia com as demandas por diversidade relativas a diferentes marcadores sociais da diferença, as principais questões que parecem se impor dizem respeito, sobretudo, a *como fazer a crítica da/na mídia diante de novos modos de circulação e apropriação* da produção midiática. Essa temática vem

tornando-se cada vez mais urgente com a aceleração dos processos de midiaticização, atravessados neste momento também pelos processos de plataformação do social<sup>3</sup>, que vêm dando novas formas às trocas comunicacionais, às interações sociais mediadas por tais plataformas e à circulação e apropriação de conteúdos midiáticos.

Em meio a esses novos modos de circulação e apropriação, cada vez mais a crítica da/na mídia tem orbitado debates sobre o reconhecimento de identidades e diferenças de grupos ditos minoritários, como mulheres, pessoas LBTQIA+, pessoas negras, entre outros. Prova disso é, por exemplo, a iniciativa da ONU (Organização das Nações Unidas) que mapeia, desde 2015, os marcadores de gênero e raça que são representados pela publicidade no Brasil (ONU, 2022). É o espaço para que esses sujeitos, marginalizados, consigam denunciar práticas midiáticas que esboçam algum tipo de violência simbólica, ou exaltem construções que valorizem suas lutas e identidades. Nesse sentido, é preciso levar em consideração “a necessidade de se reconhecer o fluxo e a fluidez na produção e consumo de textos midiáticos e de se reconhecer que os significados mediados não se esgotam no ponto de consumo” (SILVERSTONE, 2002, p. 191). Isso significa olhar de forma crítica para esses produtos e perceber como eles são consumidos e percebidos para além da superficialidade.

Trata-se de novos *modos de circulação e apropriação* que, até certo ponto, nivelam diferentes vozes — a crítica cultural especializada, o público, movimentos sociais —, que circulam em novos meios com dinâmicas próprias, como as redes sociais, apontando para uma renovação do espaço da crítica a partir do advento das tecnologias e de novas sociabilidades por elas instituídas (PAGANOTTI; SOARES, 2019). Abordar teoricamente essa comunicação-consumo-crítica permite reflexões interessantes sobre as competências críticas para o circuito midiático (BACCEGA, 2012).

Essas múltiplas mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997), que são parte do processo de interação do usuário, dentro da internet, com a lógica de produção e consumo de conteúdo,

---

3 Entendemos a midiaticização, de forma genérica, como “o processo de transformação social de longo prazo decorrente de uma crescente participação da mídia na vida social” (MINTZ, 2019, p. 99). A “plataformização do social”, por sua vez, é compreendida como um processo convergente à midiaticização, “um processo de amplo alastramento da ‘lógica das plataformas’ a diferentes instâncias da vida social” (MINTZ, 2019, p. 106), formatando e gerindo a heterogeneidade potencial da internet segundo suas próprias lógicas institucionais, desembocando em “uma sociedade cujo tráfego social, econômico e interpessoal é largamente mediado por uma plataforma online global (esmagadoramente corporativa), que é conduzida por algoritmos e abastecida por dados” (VAN DIJCK, 2016 apud MINTZ, 2019, p. 106).

são práticas sociais que cada vez mais merecem investigação. Como Martín-Barbero (1997) afirma, estudar a comunicação é mais do que olhar para os meios, mas sim compreender os seus usos e analisá-los. O entendimento das competências midiáticas envolve também articular a crítica com as demandas sociais e as experiências culturais que emergem com rapidez eloquente. Mesmo que o trato teórico sobre o assunto seja, por vezes, conflituoso, é necessária a nossa insistência em pautar essa representação midiática com cada vez mais interdisciplinaridade.

É preciso, também, considerar de que modo operam esses novos meios, cujos algoritmos<sup>4</sup> ordenam e filtram o que pode ser encontrado on-line, fazendo suposições sobre interações a partir de propósitos comerciais, ameaçando com invisibilidade aqueles e aquelas que não se conformam a sua lógica (BUCHER, 2012), e operando segundo a lógica *rich get richer* — quem já tem visibilidade recebe ainda mais visibilidade (ZILLER et al., 2022). Dessa forma, acabam por impulsionar, entre outras coisas, a criação incessante de polêmicas efêmeras, debates empobrecidos pelos próprios limites do meio (como debater profundamente em 280 caracteres?), e reações mais acaloradas. Ao mesmo tempo, esses novos meios também se constituem como plataformas (no sentido metafórico de local elevado de onde se pode falar e ser ouvido por mais pessoas) para vozes que não encontravam espaço em instâncias tradicionais institucionalizadas.

São mecanismos que permitem que os conteúdos engajem rapidamente, mas também “desengajem” na mesma velocidade.

O residual pode permanecer na memória popular, tornar-se objeto de desejo nostálgico, ser usado como um recurso para dar sentido à vida presente e à identidade de alguém, servir como base de uma crítica às instituições e práticas vigentes e desencadear conversas. Em resumo, o conteúdo residual pode se tornar um forte candidato à propagabilidade. (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 132)

A crítica, junto da mediação, implica responsabilidades e posicionamento ético e moral das audiências, para que não se tornem cúmplices dessas estratégias de engajamento

---

4 Frequentemente definidos “como uma sequência de instruções de programação escrita para cumprir tarefas pré-determinadas, ou seja, para transformar dados em resultados” (D’ANDRÉA, 2020, p. 31), os algoritmos devem, no entanto, ser compreendidos a partir de uma perspectiva crítica, “não como resultado de uma equação matemática, mas como um conjunto de hábitos sistematizado”, o que permite “interpretar determinados modos de fazer, processos e estratégias, que aquela linguagem nos apresenta” (ROMANINI; LIMA, 2018, p. 12).

e representação da mídia. É um esforço para que os críticos não fiquem deslumbrados com as possibilidades de propagação rápida das plataformas, tornando-se operários das *big techs* nesses espaços, e fazendo parte do que Bucci (2021) chama de “Superindústria do Imaginário”.

### **Crítica da mídia e reconhecimento**

Também estamos falando de *novos modos de apropriação*, na medida em que muitas dessas novas vozes que criticam a mídia a partir de diferentes meios de comunicação social o fazem em decorrência de demandas por representação e representatividade, ou seja, atam a crítica da mídia às lutas por reconhecimento (luta pela identidade e diferença) de grupos historicamente subalternizados e invisibilizados por formas de injustiça culturais e simbólicas — que são um dos elementos que impedem que integrantes desses grupos sejam reconhecidos como parceiros integrais na interação social (FRASER, 2006).

Essa representatividade, para Hall (2016), é um processo para expressar considerações sobre o mundo de forma inteligível, conferindo sentido e linguagem à cultura. Isso significa dizer que, ao compartilharmos demandas por meio dos códigos que são comuns entre os indivíduos de uma sociedade, é possível gerar a produção de significado sobre essas pautas. A representação faz parte disso, já que “[...] somos nós que fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (HALL, 2016, p. 41-42).

Silverstone (2002) aponta para a importância que as formas culturais de conteúdos ficcionais e de entretenimento, nas quais entram as novas mídias, têm em afetar nossa forma de construir o cotidiano e as nossas produções de sentido. Por isso, é importante entender que as lutas por reconhecimento também estão midiaticizadas, e as críticas desses objetos cada vez mais espalhadas nas mídias sociais. Nesse sentido, é importante tentar entender como a produção de sentido vem operando nessa (não tão) nova dinâmica, em que os novos objetos em circulação fazem com que as lutas ditas identitárias sejam retomadas de forma constante.

Esses grupos entendem que, em uma sociedade altamente midiaticizada, a visibilidade — serem vistos e tornarem-se relevantes na cultura dominante — é crucial para expandirem seus direitos, porque altera o modo como suas identidades são social, política e culturalmente valorizadas (BANET-WEISER, 2018) — embora se possa discutir a eficácia dessa estratégia

como forma de promover mudanças, visto que a mera representação não significa que estruturas desiguais foram necessariamente alteradas. Para usar os termos de Rancière (2009), são críticas que incidem sobre e buscam modificar a “partilha do sensível”, o sistema que revela quem e o que pode tomar parte de um comum partilhado, e de que modo.

É possível relacionarmos essa visibilidade com a questão da identidade, no modo como foi tratada por Hall e pelos Estudos Culturais Britânicos. As questões identitárias são “pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento” (HALL, 1996, p. 70). Ainda sob essa perspectiva, é necessário entender que a identidade, para o autor, trata do pertencimento e da identificação pela relação com o Outro, mas não apenas nela. Esse processo também pode acontecer nas transformações culturais e nos processos históricos, principalmente se levarmos em consideração a profusão tecnológica e globalizada simbolizada pelos avanços midiáticos.

Hall (1996) também avalia que, na medida em que os sujeitos ganham mais possibilidades de força criativa e produtiva, ganham também mais espaço para o fortalecimento de suas identidades. Ele afirma existir “a possibilidade de que a globalização possa levar a *um fortalecimento de identidades* locais ou à produção de *novas identidades*” (HALL, 1996, p. 84). Isso nos permite fazer relação direta com a necessidade de cada vez mais presença de diversidade em todos os pontos do circuito midiático. Assim, trata-se de tecer um olhar para a crítica que envolva ações e interações que se constituam com ética, responsabilidade e cuidado diante do/com o outro.

Essa ligação entre lutas por reconhecimento e a crítica da mídia não é, porém, algo novo. Na esfera acadêmica, desde os anos 1970, a crítica feminista de cinema, por exemplo, busca relacionar os modos de representação nesse meio a desigualdades de gênero. Nessa mesma época, no auge da chamada Segunda Onda Feminista, as mídias já eram instâncias de disputa para as feministas, que tanto se batiam contra as representações dominantes de feminilidade, quanto buscavam criar seus próprios veículos em que poderiam fazer circular “melhores” representações (GILL, 2007). Relacionar práticas discursivas e práticas sociais, texto e contexto também já estava no centro do programa dos Estudos Culturais Britânicos. Bebendo na fonte dessas precursoras e precursores, entre outros, bell hooks

acrescentou a raça às análises culturais feministas ao escrever, no início dos anos 1990, sobre o “olhar opositivo” (HOOKS, 2019) que as mulheres negras espectadoras desenvolviam para se engajar com produções culturais que as invisibilizavam, estereotipavam e, em certa medida, até as violentavam.

O que talvez se mostre novo seja de fato a combinação desses modos “identitários” de apropriação com os novos modos de circulação que, até certo ponto, horizontalizam as diferentes vozes críticas. Esses novos modos de apropriação e circulação também acabam influenciando como a crítica especializada e a crítica acadêmica passam a olhar para as produções culturais, não sem protestos desses “gatekeepers”, que até pouco tempo detinham a hegemonia da crítica — sobretudo da crítica especializada.

Esses críticos profissionais passam muitas vezes a reagir de forma reacionária, a partir de argumentos que denunciam uma suposta “cultura do cancelamento” e defendem a “autonomia” da obra, a necessária limitação da crítica aos elementos estéticos e um suposto empobrecimento das produções culturais caso passassem a atender essas demandas por reconhecimento, tornando-se programáticas e “panfletárias”.

Cabe também ressaltar que produções culturais inevitavelmente registram, inclusive no nível estético, o contexto cultural e econômico circundante (com suas contradições e ambivalências), criando visualizações formais para esses contextos e mediando esteticamente o modo como a sociedade se compreende (MULVEY, 2010), algo que vem sendo considerado pela crítica feminista, por exemplo, desde os anos 1960 e 1970, como já comentado.

Esses argumentos de uma suposta demanda por produções culturais programáticas e panfletárias só fazem sentido se restritos às críticas feitas nas redes sociais, cuja lógica sociotécnica não incentiva o debate aprofundado, como já apontado. Também é apenas nesse contexto que se pode pensar em uma suposta “cultura do cancelamento”, baseada em concepções binárias e taxativas de certo e errado — embora o próprio termo “cancelamento” seja impreciso, para não dizer incorreto, quando se considera que os supostos “cancelados” raramente são de fato ostracizados, especialmente quando ocupam posições de poder dentro da sociedade.

De todo modo, as políticas de reconhecimento têm se tornado tanto elemento interno da obra (no nível da produção) quanto chave de leitura e parâmetro de apreciação não só na crítica socialmente dispersa, mas também entre parte da crítica especializada (SERELLE, 2019).

## Diversidade, novas mídias e a crítica

Ainda assim, há atores que encontram meios para colocar o debate em termos mais complexos, fazendo a crítica da mídia na própria mídia, em fios no Twitter, *reels* no Instagram, vídeos no YouTube.

É o caso, por exemplo, do canal no YouTube *Ora Thiago*, em que o protagonista coloca em pauta críticas midiáticas de diferentes produtos culturais, com linguagem adequada e adaptada ao meio, explorando a questão da diversidade. Em um dos vídeos disponibilizados pelo autor na plataforma e intitulado *Yellowjackets, O senhor das moscas e violência selvagem*, é levada em consideração a pauta feminista na discussão acerca da presença de protagonistas mulheres na possível adaptação do livro *O senhor das moscas*, obra reconhecida pela violência selvagem. Thiago questiona essa adaptação supostamente em favor de mais diversidade, relacionando-a com a ascensão da pauta, sem levar em consideração possíveis demandas válidas por visibilidade feminina. Para amparar suas colocações, o youtuber explora o fato de que esse *remake* seria dirigido por dois homens, e como isso reforçaria a percepção de que as escolhas relacionadas ao filme estariam ligadas exclusivamente à necessidade de engajamento.

Além disso, Thiago apresenta falas de mulheres reconhecidamente atuantes na questão da representatividade midiática para respaldar a sua crítica. Roxane Gay, professora, escritora e comentarista social, autora do best-seller *Bad Feminist*, afirmou no Twitter que “Um remake feminino de *O Senhor das Moscas* não faz sentido porque... o enredo desse livro não aconteceria com mulheres”<sup>5</sup>.

O que chama nossa atenção nos conteúdos disponibilizados pelo canal *Ora Thiago* é o fato de que os assuntos são colocados sem superficialidade, tendo o espaço explorado com todo seu potencial crítico. No vídeo aqui mencionado, mais do que trazer as considerações negativas sobre a adaptação não concretizada do filme *O senhor das moscas*, Thiago traz proposições sobre como representações de mulheres em conteúdos audiovisuais podem de fato acontecer com propósito. O exemplo trazido por ele é da série *Yellowjackets*<sup>6</sup>, que conta a

5 O tuíte de Roxane Gay foi deletado, mas a sua fala foi retirada do vídeo *Yellowjackets, Senhor das Moscas e Violência Selvagem*, que também disponibiliza um print do conteúdo publicado pela autora (GAY apud. GUIMARÃES, 2022).

6 Série lançada em 2021 e disponível na plataforma de streaming Paramount+.



história de um time escolar de futebol feminino que sobrevive a um acidente aéreo no meio de uma floresta, criando uma espécie de “clã” feminino selvagem, trama entremeada por um salto no tempo, mostrando a vida adulta dessas mulheres anos depois de serem resgatadas.

O youtuber propõe também uma relação entre os dois conteúdos por ele mencionados, explorando a possibilidade de encontrar ainda mais significados nesse lugar de diversidade e representatividade. Para ele, diferente de *O senhor das moscas*, a série da Paramount+ é um espaço para falar sobre adolescência, traumas e a complexidade feroz das relações femininas. Além de pôr em pauta a forma midiática de retratar a masculinidade usando de violência física, a crítica de Thiago coloca um olhar ainda mais cuidadoso ao trazer *Yellowjackets* para o centro das discussões sobre questões feministas e relacionadas à colonização. Ele traz a fala da autora da série, Ashley Lile, para contextualizar suas colocações:

*O senhor das moscas* é sobre como a socialização desaparece e como a sociedade é uma fachada. Pensamos, quem é mais socializada do que as mulheres? Como meninas, você aprende como fazer as pessoas gostarem de você e quais são as hierarquias sociais. É uma maneira mais interessante de fazer as coisas desaparecerem. A máscara é ainda mais grossa. É uma camada mais complexa de noções preconcebidas de como se comportar e agir. (Ashley Lile, autora da série *Yellowjackets*, em fala transcrita de vídeo do canal OraThiago no YouTube<sup>7</sup>)

Portanto, a partir das colocações propostas neste ensaio, o conteúdo disponibilizado no canal *Ora Thiago* pode ser apontado como exemplo consistente e relevante de como a crítica da/na mídia pode ser feita dentro das novas plataformas, seguindo suas lógicas de funcionamento e sem superficialidade. Mais do que isso, é uma forma de não relegar questões tão relevantes e necessárias aos algoritmos e às suas mudanças de parâmetros que impossibilitam traçar qualquer padrão.

### Como fazer uma crítica interseccional

Considerando que a prática da crítica sobre produtos midiáticos é parte de um circuito crítico que gera novos sentidos e influi na circulação e na apropriação desses

---

7 Trecho extraído do vídeo *Yellowjackets, Senhor das Moscas e Violência Selvagem*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nBIP0rTvt54>. Acesso em: 18 jun. 2023.

produtos por parte da audiência (PAGANOTTI; SOARES, 2019; SILVA; SOARES, 2016), e que o entrelaçamento entre lutas por reconhecimento e a crítica na mídia está dado, sobretudo na crítica socialmente dispersa, a questão que se coloca parece ser menos se aquilo que Serelle (2019) chama de “valor de reconhecimento”<sup>8</sup> deve ou não ser tomado como parâmetro (ainda que não o único), tanto para a crítica *na* mídia quanto para a crítica *da* mídia.

Antes, o que se coloca como questão principal talvez seja perguntar-se de que forma essa crítica pode ser aprofundada e complexificada para além das polêmicas efêmeras e de construções vazias de sentido, como a noção de “cultura do cancelamento”. Isso se relaciona diretamente com o que Silverstone (2002) chama de ilusão de conectividade, em que as redes e as tecnologias deveriam remediar fragilidades e sociabilidades do tempo contemporâneo, mas não o fazem.

Trata-se de reconhecer que crítica da mídia passa diretamente pelo desafio da mediação, e isso envolve olhar para os textos nas redes em sua integralidade, abarcando engajamento, vocabulário compartilhado, falhas comunicativas e intencionalidades de comunicação. É também reconhecer que o circuito midiático, a crítica dos seus objetos e “aqueles que as recebem e as aceitam não são meros prisioneiros de uma ideologia dominante nem inocentes em um mundo de falsa consciência: eles são, na verdade, participantes voluntários, isto é, cúmplices, ou mesmo engajados ativamente” (SILVERSTONE, 2002, p. 762).

Uma possibilidade para aprofundar e complexificar a crítica da/na mídia que toma as demandas por diversidade como parâmetro é seguir o caminho que já vem sendo traçado pela crítica feminista e pelos estudos culturais, buscando nos próprios elementos estéticos e narrativos da obra a relação entre texto e contexto, práticas discursivas e práticas sociais, e não apenas sobrepondo parâmetros “identitários” externos sobre esta — Serelle (2019)

---

8 Cabe notar que Serelle mobiliza o conceito de reconhecimento a partir de Axel Honneth, enquanto trabalhamos aqui com a definição proposta por Nancy Fraser — como uma questão de *status* social, tendo como critério normativo a paridade de participação, ou o direito de participar integralmente da vida social, e sob uma visão de justiça social que se apoia no tripé “reconhecimento, redistribuição e participação” (FRASER, 2006; 2009) — autores que mantiveram uma polêmica em torno da definição do conceito. Não é nosso objetivo, neste artigo, entrar no debate entre Fraser e Honneth, mas nos parece que a concepção de reconhecimento desenvolvida por Fraser, por colocar em primeiro plano os aspectos estruturais e institucionais da injustiça cultural e simbólica, e por caracterizá-los em termos de hegemonia, presta-se melhor a uma discussão sobre as representações midiáticas. Ao mesmo tempo, nos parece que apenas uma linha tênue separa a concepção de Honneth, ao menos na altura do debate com Fraser, de uma perspectiva neoliberal, especialmente na medida em que ele situa seu ideal de reconhecimento em oportunidades iguais de autorrealização individual e caracteriza as lutas por redistribuição como questionamentos da aplicação atual do princípio da realização (atribuição de estima social ligada a realizações como cidadão produtivo); nos parece que teríamos dificuldades em desassociar tal esfera de reconhecimento, mesmo se ampliada, da ordem capitalista imperialista, machista e racista que, segundo o próprio Honneth, permitiu que ela emergisse.

também aponta nesse sentido de se examinar os fatores sociais articulados à estética da obra, a partir de Antonio Candido.

Outro desafio que se coloca para a crítica da mídia (sobretudo a acadêmica) e, em alguma medida, para a crítica na mídia (sobretudo a especializada), é como complexificar essa crítica ligada ao “valor de reconhecimento” em um sentido interseccional, uma vez que nas injustiças simbólicas que impedem determinados grupos de participar como iguais nas trocas sociais se entrecruzam diferentes vias de opressão, como raça, gênero, sexualidade, classe, idade, origem geográfica, peso, capacidade etc.

Uma proposta de crítica da mídia interseccional ainda precisa ser elaborada, mas algumas orientações talvez possam ser emprestadas da proposta do “método da roleta interseccional”, elaborado por Carrera (2020) para a aplicação do conceito de interseccionalidade no campo das pesquisas de comunicação.

Carrera (2020, p. 5) aponta, nesse sentido, para a “interseccionalidade representacional” — “a construção cultural e os sentidos marginalizantes que circulam sobre estes sujeitos [subalternizados]” — como processo comparativo para se pensar quais os rastros interseccionais que se mostram evidentes nos processos de construção comunicativa.

Ela propõe então a roleta interseccional: “uma ferramenta discursivo-operacional que pretende identificar os rastros da interseccionalidade nas diversas expressões e experiências comunicacionais” (CARRERA, 2020, p. 6). Um dos pontos principais dessa proposta metodológica é o entendimento de que não se pode meramente somar opressões. Usando a metáfora das cores, Carrera aponta que se cruzarmos a raça (atribuindo a ela a cor azul) e o gênero (amarelo) surge um novo universo subjetivo, representado pelo verde.

Outro ponto central da proposta é que se deve perguntar quais eixos são de fato relevantes para determinada análise específica, quais eixos deixam rastros no discurso, nas representações, propondo-se, a seguir, questionamentos relevantes e específicos para cada eixo a partir de três domínios: as formações discursivas; quais construções identitárias são dadas como legítimas em cada eixo; e como formações discursivas e construções identitárias são negociadas.

Um último ponto relevante para a proposta de Carrera diz respeito ao fato de que a roleta interseccional não deve ser aplicada apenas ao sujeito/objeto de pesquisa,

mas também ao próprio pesquisador, evidenciando as limitações e possíveis vieses das interpretações de resultados, destituindo o pesquisador de uma posição de neutralidade.

Talvez seja a partir de ferramentas metodológicas como esta, que propõem olhar para as mídias com base na perspectiva da interseccionalidade e assim desvelar as perguntas relacionadas às representações identitárias que sejam relevantes naquele contexto específico, que possamos avançar nos debates sobre a aplicação do valor de reconhecimento na crítica da/na mídia, diante de novos modos de circulação e apropriação. Dessa forma, e retomando toda uma longa tradição crítica (feminista, antirracista etc.) que se propôs a olhar para o modo como produções midiáticas e culturais encontram visualizações formais e mediam esteticamente disputas que se dão na sociedade, poderemos deixar de lado visões simplistas, que opõem análise sobre representações identitárias e crítica estética, como se fossem excludentes, ou como se a primeira empobrecesse a segunda, quando, na realidade, estão intrinsecamente ligadas.

## Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. O consumo no campo comunicação/educação: importância para cidadania. In: ROCHA, Rose de Melo; CASAQUI, Vander. *Estéticas midiáticas e narrativas do consumo*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 248-268.

BANET-WEISER, Sarah. *Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny*. Durham: Duke University Press, 2018. *E-book*.

BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUCHER, Taina. Want to be on the top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. *New Media and Society*, [S. l.], v. 14, n. 7, p. 1164-1180, 2012.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *E-Compós*, São Paulo, v. 24, 2020.

D'ANDRÉA, Carlos. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: Edufba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32043>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era 'pós-socialista'. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

FRASER, Nancy. Reenquadrando a justiça em um mundo globalizado. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, [S.l.], n. 77, p. 11-39, 2009.

GAY, Roxane. *Bad Feminist*. Nova Iorque: Corsair, 2014.

GILL, Rosalind. *Gender and the media*. Cambridge: Polity, 2007. *E-book*.

GUIMARÃES, Thiago. *Yellowjackets, O Senhor das Moscas e Violência Selvagem*, 2022 (21 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nBIP0rTvt54>. Acesso em: 18 jun. 2023.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. Tradução de R.H. Fróes e L. Fróes. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 68-75, 1996.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

HONNETH, Axel. Redistribution as Recognition: A Response to Nancy Fraser. In: HONNETH, Axel; FRASER, Nancy. *Redistribution or Recognition?* Londres: Verso, 2003. p. 110-197.

HOOBS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014. 408 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MINTZ, André Goes. Mídiação e plataformação. *Novos Olhares*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 98-109, 2019.

MULVEY, Laura. Unmasking the Gaze: Feminist Film Theory, History, and Film Studies. In: CALLAHAM, Vicki (Org.). *Reclaiming the Archive: Feminism and Film History*. Detroit: Wayne State University Press, 2010. p. 17-31.

ONU. *TODXS/10: o mapa da representatividade na publicidade brasileira*. São Paulo: ONU Mulheres Brasil, 2022. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/03/UA\\_TODXS10\\_Final-PORT.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/03/UA_TODXS10_Final-PORT.pdf). Acesso em: 18 jun. 2023.

ORA Thiago, 2019. Canal sobre cultura pop e comportamento. Disponível em: <https://www.youtube.com/@OraThiago>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PAGANOTTI, Ivan; SOARES, Rosana de Lima. A meta para a crítica da/na mídia em abordagens metacríticas. *MATRIZES*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 131-153, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2. ed. São Paulo: EXO Experimental Org., 2009.

ROMANINI, Anderson Vinicius; LIMA, Renata Lipia. A interpretação da cultura através dos dados: o big data a partir da epistemologia do sul. *Revista Extraprensa*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 7-22, 2018.

SERELLE, Marcio. Reconhecimento como categoria de crítica cultural. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 11-20, 2019.

SILVERSTONE, R. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. *New Literary History*, [S. l.], v. 33, n. 4, 2002.

SILVA, Gislene da; SOARES, Rosana de Lima. "Lugares da crítica na cultura midiática". *Comunicação Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 9, 2016.

ZILLER, Joana; BARRETOS, Dayane; XAVIER, Kellen; HOKI, Leíner. Sapatão+: lesbianidades negras, gordas, mais velhas e com deficiência nas plataformas de mídias sociais. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 99-113, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/23972>. Acesso em: 18 jun. 2023.

submetido em: 21 jun. 2023 | aprovado em: 22 jun. 2023